

18 FEV 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FHC

FH dá sinais à sociedade

A entrevista do professor José Arthur Giannotti no **JB** e seu artigo de domingo no *Estado de S. Paulo* — ambos alertando para os perigos de uma hegemonia totalitária — não podem ser interpretados como uma crítica ao governo. Seria apressado concluir por aí, embora seja uma conclusão jornalisticamente charmosa e irresistível. Afinal, um amigo do presidente da República fazendo críticas a ele via imprensa é sempre um fato.

Mas pela natureza das relações de Giannotti com Fernando Henrique e Ruth Cardoso e, principalmente, pela leitura atenta do que disse e escreveu o professor, parece mais adequada a interpretação de que foi o próprio presidente quem, através do amigo, resolveu fazer de público um exercício de raciocínio que seguramente compartilhou com o professor antes de divulgar o recado.

Há algumas evidências disso. Ultimamente, Fernando Henrique não tem escondido de quem o visita no gabinete do 3º andar do Palácio do Planalto o desconforto com os arranhões de imagem que sofreu por causa do processo de aprovação da emenda da reeleição em primeiro turno na Câmara. Ele acha absolutamente injusto que lhe seja atribuída uma postura arrogante, embora concorde que paga uma conta resultante de posturas vigentes em seu próprio Ministério.

Giannotti fala em despotismo esclarecido, defende reformas — notadamente a eleitoral —, propõe a abertura do debate nacional para a sociedade, prega a ampliação das discussões à oposição, defende o aprofundamento da democracia brasileira e alerta que a vitória na base do rolo compressor implica custos para o governo.

Em resumo, o professor diz que a vitória deve ser repartida com a sociedade civil. Pela primeira vez alguém explicou as razões da obsessão presidencial com a reeleição. No ponto em que chegou o processo, o voto contra significaria voto de desconfiança e o perigo de mais uma vez um projeto reformista resultar em crise institucional.

Um discurso que, sem medo de errar, seria assinado por Fernando Henrique Cardoso. O problema é que se dissesse tudo o que disse Giannotti, no dia seguinte o presidente da República leria nos jornais que estava virando as costas para o Congresso, rompendo a aliança conservadora que o sustenta no Parlamento e propondo uma democracia direta, com diálogo não institucional, em sistema *on line* com as massas.

E aí, de novo, o perigo das interpretações. Quando Giannotti propõe a abertura do debate da política nacional não dá a impressão de estar fazendo a sugestão ao presidente da República, mas sim em seu nome transmitindo uma intenção à qual devem agora corresponder alguns gestos.

De parte a parte. Ao presidente caberão ações concretas que possam ir além das sutilezas das mensagens transversas. Como diz Giannotti em sua entrevista: "A partir da abertura do debate, a sociedade precisa se mexer. Os intelectuais que se manifestem, os políticos que melhor representem." Ao que se poderia acrescentar: o Brasil que se apresente, não se submeta nem se limite à crítica longuíqua e inconsequente.